

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III

LISBOA, 5 DE DEZEMBRO DE 1918

N.º 59

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO... .. 1\$40 || ESTRANGEIRO  
SEMESTRE... .. \$70 || ANO..... 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

## VÁRIA

CHEGAMOS aos primeiros lampejos da paz, com a vida nacional e a das nações transformada. Por toda a parte, desde os negocios de cambios até aos reconditos comercios e industrias provincianas, a vida agita-se na ancia laboriosa de crear um lugar. O paiz nada em dinheiro, e todos os dias vemos aparecer novas esferas de labuta, na pira de multiplicar o dinheiro ganho. Mas se olharmos bem, toda essa actividade não é mais do que uma variação da rotina nacional, em que só pômos em pratica ideias que os outros empreenderam e para a qual raiou o sol da felicidade.

Começaram ha anos a aparecer em Lisboa umas lojas bonitas, esmaltadas de azulajo, a que puzeram o nome de leitarias que foram espalhadas pela cidade, porque era um capital bem empregado e com exito seguro. Havia até um estimulo em brilhar, em fazer melhor, que dava a impressão de uma actividade nova. Pois bem, hoje são tantas que, se se não guerreiam mutuamente, é porque ha n'elas, um certo espirito de união, muito louvavel, o que é muito raro ver em Portugal.

Seguidamente atraz das leitarias, que em pouco se tornaram cafés e lojas de bebidas brancas, appareceu uma nova e rendosa industria, que hoje abrange largas somas de capital: a do seguro. Desde que a guerra rebentou, se não estamos em erro, crearam-se mais de 80 companhias, algumas d'elas—diga-se de passagem—bem acreditadas e prosperas. Mas não será preciso ser um grande profeta para ajuizar uma breve, não diremos derrocada, mas decadencia.

E o negocio é tão bom ou tão mau, que raro topamos um amigo que não seja director d'uma—às vezes de mais—como raro é também encontrar pessoas que ha dois ou tres anos conheciam apenas o negocio pelo recibo do seguro, que anualmente pagavam, da mobilia da casa, e hoje não sejam *directores tecnicos*; o que nos faz pensar, onde haverá a escola que dê esse diploma, ou em que companhias houve a actividade de uma duzia de anos de trabalho aturado e persistente que pudesse conceber tal dignidade.

Aparece, também, agora uma outra industria: a dos bancos e casas de credito, que pululam por toda a parte, e onde pessoas que certamente não teriam onde colocar o seu dinheiro, o empregam para auxiliar o alargamento do capital dos estabelecimentos já existentes, ou para a formação de outros.

Mas o que nós vemos com pasmo é que as novas industrias, ou o desenvolvimento das existentes que devia elevar-se na escala da actividade do paiz, se conserva estacionario.

Esta guerra facilitou-nos o saber quem triumphá é o que mais trabalha e só teem razão de viver os que produzem. Nós, infelizmente, *só consumimos*.

A visinha Hespanha, aturando uma desordem interna produzida pelo choque de opiniões contrarias, conseguiu, todavia, pela sua especial situação, fazer valer o seu dinheiro, mais do que outro do mundo. E para o demonstrar bastará dizer que a peseta, que raro atingia o valor de 200 réis, chegou a pagar-se a 520; e a libra, a moeda universal por excelencia, du-

rante muito tempo se manteve com a valia mesquinha de 17 pesetas.

E porquê? Perguntará algum leitor ingenuo—Porque foi que a Hespanha, sofrendo diariamente perdas consideraveis na sua tonelagem maritima, conseguiu dar tão elevada valia á sua moeda?—Pela exportação larga e cautelosa, que durante o periodo da guerra fez para os paizes beligerantes, tendo sempre em mira os seus abastecimentos internos. Nós nada fizemos e os poucos navios de que dispunhamos mal chegaram para nos abastecer, o que nem sempre se conseguiu capazmente.

Ha, como dissemos, no paiz largas economias de dinheiro, que poderiam ter uma aplicação mais rendosa e de maior desenvolvimento.

Duas aplicações queremos citar, por directamente dizerem respeito á indole da nossa revista:—O Turismo e a Navegação. O Turismo só se faz com bons hotéis e bons transportes.

A navegação só se pôde desenvolver, com a união de muitas energias, o que na nossa terra é muito difficil de conseguir.

Ninguem oficialmente ainda disse o que pretende fazer da frota mercante que nos resta, como ninguem ainda pensou como é que Lisboa pôde dar alojamento aos passageiros dos primeiros vapores, que hão de vir ao Tejo proximamente.

Era natural que durante este periodo da guerra se tratasse de dotar Lisboa com bons hotéis, que nos fizessem marcar o lugar a que temos de direito.

Na ultima meia duzia de anos, em Lisboa construíram-se apenas dois hotéis, o *Metropole* e o *Internacional*. O primeiro foi instalado n'uma casa bastante confortavel, e o segundo, se não tão completo como aquele, pelo

menos com o bastante para receber os passageiros, vulgarmente chamados *brazileiros*. Em compensação acabaram, vítimas de novas indústrias, nada menos de quatro hotéis, o *Paris*, o *Aliança-Hotel*, o *Universal*, casas de 2.ª ordem, é claro, mas vastas, com uma larga clientela de além Atlântico, e ha dias o *Central*, o velho e aristocratico *Central*, onde nos últimos anos se fizeram grandes reformas,—não falando no *Bragança*, desaparecido também ha pouco.

Pensou já alguém em substituir estas casas por outras maiores e mais confortáveis? Cremos que não. Isso só acontecerá quando uma onda de viajantes assalte Lisboa, com aquela sofreguidão dos festeiros nas vilas, ou cidades provincianas em dia de romaria, na ancia desesperada de encontrar um colchão para descansar.

Lisboa—ninguem se admire—actualmente sem vapores, sem comboios rapidos, com as comunicações reduzidas a hediondos e enervantes comboios de mercadorias, tem os seus hotéis abarrotados de hospedes.

Ha dias, a altas horas da noite, vimos dois hospedes vindos do Norte despedidos pelo porteiro de um hotel, onde bateram sem que ao menos um simples quarto lhes pudessem dispensar.



Uma esperança nos resta, é que quando nos dias de chegada de paquetes do Brazil, vimos andar batendo de porta em porta, de maletas na mão, os viajantes como emigrantes sem colocação, alguém abrirá os olhos e deixará, por já não poder fazer açambarcamentos, o seu negocio de viveres, de lãs ou de sedas, e fará erguer hotéis, todos de luxo e conforto, que se propagarão aos cardumes, como as companhias de seguros e então não serão ás cifras estonteantes da taboleta da fachada e nos réclames, anunciando 2.000 contos de capital, mas o nome pomposo de *Hotel da Paz*, 300 quartos, enquanto o visinho do lado porá, sob a sua placa, 500 ou 800, com outras tantas tinhas de banho.

Quando será esse dia?

Na nossa administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, se encontram á disposição dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar o 1.º e 2.º anos da **Revista do Turismo**, que vendemos ao preço de 1\$20, cada uma, sendo o pagamento adiantado.

## VILEGIATURA DEPOIS DA GUERRA

### OS PLANOS DO FUTURO

**S**UBORDINADO ao nosso primeiro titulo, insere o ultimo numero do Boletim do «Touring-Club de France» um interessante artigo de M. Ballif, illustre secretario d'aquella prestimosa associação, a proposito d'um outro não menos interessante e de palpitante actualidade que foi ha pouco publicado na *Renaissance du tourisme*, assignado por A. F. Guarnati, a proposito da vigeliatura depois da guerra.

Como qualquer dos dois artigos confirma plenamente tudo quanto temos exposto acerca do turismo no futuro, alem de reflectir, por forma iniludível, as amistosas relações que se estão desenvolvendo entre a França e a Italia no sentido d'uma manifesta comunidade de interesses, não nos podemos furtar a tentação de transcrever n'estas columnas alguns periodos do artigo em que M. Ballif aproveita subtilmente o ensejo de dizer á Italia o que, sobre o futuro da industria de turismo, pensa a sua grande irmã latina.

Esse artigo começa pela transcrição d'um trecho do que foi publicado na *Renaissance du tourisme* e que, para mais facil comprehensão, vamos literalmente traduzir.

«O problema do movimento turistico apresenta-se sob um duplo aspecto: a circulação e a estadia. Hoje, a viagem, como meio d'instrução e de distração, é realisada por todas as classes da sociedade, e os meios de locomoção mais utilizados são os comboios e os electricos.

«A idéa de férias começa a associar-se, indissolvelmente e com a maior naturalidade, a das viagens. Por outro lado, a viagem é hoje absolutamente necessaria á therapeutica physica moderna, para a procura dos climas favoraveis e de aguas salutaras».

Eis o principal motivo que serviu de these ás considerações de M. Ballif, reforçada ainda pelo seguinte programa, de que a Italia propoz o estudo para os resultados serem postos em execução, na primeira oportunidade:

1.º—Revisão e simplificação do systema de tarifas para os passageiros e bagagens; estabelecimento de bilhetes especiaes que satisfaçam por com-

pleto, as exigencias do turismo nacional e estrangeiro.

2.º—Revisão do actual systema sobre visita e fiscalisação aduaneira e no que respeita, também á passagem de automoveis pela fronteira.

3.º—Preparação dos meios de transporte e de estadia do primeiro afflugo de viajantes depois da guerra.

4.º—Instituição d'um itinerario (pelo comboio ou por electrico, barcos a vapor de grande curso ou fluviaes e de gazolina, etc.), para a visita á *frente italiana*; e preparação das instalações para a estadia dos visitantes, utilizando-se, em caso de necessidade, com as modificações que se impuzerem, as barracas militares.

5.º—Abertura nas grandes cidades italianas e no estrangeiro, de novos postos d'informação semelhantes aos que já foram instalados em New-York, Paris e Londres, e nas gares principaes.

6.º—Melhoramento dos serviços dos caminhos de ferro, maritimos, etc., dos horarios e do material, e criação do serviço de automoveis para os turistas como prolongamento natural do caminho de ferro.

7.º—Instituição de novos serviços de interpretes.

8.º—Melhoramento dos restaurantes, «bars» e cantinas; desenvolvimento e transformação radical do serviço de «toilette»; melhoramento das bibliothecas das estações e, sobretudo, no que respeita á literatura e á cartographia turisticas.

9.º—Embelezamento permanente das estações de caminho de ferro, por meio de flores e plantas.

Não se pôde deixar de reconhecer que é um grande programa, se bem que ainda incompleto. Todavia ele indica as questões principaes para o desenvolvimento do turismo em Italia, e foi reconhecido como de utilidade immediata para o mesmo fim, em França, nas seguintes linhas escriptas por M. Ballif e que traduzem fielmente as suas considerações:

«Baseado sobre o serviço dos caminhos de ferro italianos, esse programa nos parece poder adaptar-se perfeitamente aos caminhos de ferro francezes. Pedimos, pois, que todos os seus quesitos sejam submetidos a um consciencioso estudo.

«E' no proprio dia da paz que é

*preciso estarmos promptos, e todos os estudos devem estar concluídos com a antecipação suficiente para que, n'esse proprio dia, os seus resultados sejam immediatamente postos em execução.*

«Assim o comprehendem os nossos visinhos, e nós não temos senão a aplaudir a sua providencia e que seguir o seu exemplo.

«A França e a Italia, unidas já por tantas sympathias e tradições, além de ligadas por uma indestructivel amizade, teem todo o interesse de, simultaneamente, estudarem a resolução do problema que a ambas importa no mais alto grau. A sua fronteira é comum; o que é mais um motivo para que tudo quanto se relaciona com os serviços de caminhos de ferro, quer em rapidez, quer em commodidade, seja tratado de forma a intensificar o desenvolvimento de relações; procurando-se, por um comum accordo ou por resoluções tomadas no mesmo sentido, as soluções mais viáveis e praticas para as duas nações.

«E' assim que se exerce o bom e verdadeiro internacionalismo!»

Como se esta simples *carta de amor* não fosse ainda bastante para mostrar os sentimentos francezes a respeito da sua amiga Italia, o artigo do Secretario do Tournig-Club de França insere, ainda, uns outros periodos, que tambem vamos transcrever, para que os nossos *edis* vejam bem o que se vae passando lá por fóra sobre materia de turismo (*choso insignificante*... como talvez diria M. de la Palice) «Antes da guerra, o numero de turistas allemães em França era avultadissimo, e o dos turistas italianos era consideravelmente menor. «E' a situação inversa que se torna preciso crear. Tão grande é a repulsão pela Alemanha—pessoas e coisas—quanto é entusiastica a nossa melhor sympathia pela Italia. A este sentimento ha ainda a juntar a grande atracção que oferece este paiz, embelezado pela Natureza, pela Arte e pela sua historia, com tudo quanto póde captivar o turista. *Com a Italia nós temos todo o interesse em estabelecer, sob o ponto de vista do turismo, um sistema de reciprocidade analogo ao que os hoteleiros suissos crearam entre si*: eles trespassam os clientes; nós trespassaremos os turistas».

Crêmos não se tornar necessario ser-se mais explicito para pôr em realce as idéas que dominam presentemente nos circulos francezes de turismo, se bem que expostas com a subtiliza do

engenho que é peculiar n'aquela povo, nosso tambem irmão pela raça.

D'ahi depreheende-se que a França, embora segura do movimento turistico que depois da guerra se ha de intensificar no seu paiz, deseja acautelar-se contra a concorrência que a Italia lhe possa fazer, ao mesmo tempo que procura beneficiar-se e tirar partido da acção d'esta.

E' o principio da lucta economica preconizada nos nossos numeros anteriores, cuja previsão encontra assim a mais cabal confirmação.

E como á França, por todas as razões, não convem entrar n'um regimen de hostilidade para com a Italia, pois que—e muito principalmente no que respeita ao turismo—tem vantagem até em estabelecer com ella uma *entente cordiale*, porque—digamos em boa-verdade—os francezes não se contentam simplesmente com os turistas americanos, mas querem no seu paiz os de todo o mundo—por isso tenta, a troco d'uma *reciprocidade*, chamar tambem a si os que entrem pela peninsula italiana—e que hão de ser em grande numero; compensando-se d'essa forma da ausencia de allemães, russos, austriacos e d'outros povos que antes da guerra animavam a massa enorme da sua população fluctuante e que n'esse calamitoso periodo se declararam seus fígadaes inimigos.

Encontramos assim, tambem, um reforço—com que aliás não tinhamos contado então—ás observações que aqui fizemos sobre a criação do nosso posto d'informações em Paris, cujos resultados em materia propriamente de turismo, são, por enquanto, ainda desconhecidos.

A este proposito nos ocuparemos em um proximo numero; limitando-nos, por agora, a pôr em destaque o que se está fazendo lá fóra, para que não se diga que phantasiámos ou que exageramos quando recorremos aos exemplos estrangeiros para reforçar as nossas opiniões.

—E como amostra, julgamos bastar, por hoje.

## HOTEL VIRIATO

O novo *Hotel Viriato*, em Gouveia, a que por vezes nos temos referido, deve ser inaugurado em fins de janeiro proximo; tomando conta da sua exploração o sr. Severino Vasques, que, pela sua longa pratica principalmente nos hoteis de Lisboa, assegurará, por certo, uma condigna administração a esse importante melhoramento da poetica vila serrana.

## Serviço de obras publicas

«Jornal de Felgueiras», referindo-se á publicação do ultimo numero da *Revista de Turismo*, chama a nossa especial atenção para a forma porque decorrem os serviços d'obras publicas no respectivo districto.

Para melhor esclarecimento de quem competir tomar providencias sobre o assumpto, transcrevemos a parte que interessa aos desejos d'aquella região e de que o referido jornal se faz eco.

«Ha tempos a camara municipal d'este concelho, no intuito de fazer cumprir as suas posturas e na louvavel intenção de contribuir para o aformoseamento local, solicitou das obras publicas do districto do Porto uma licença para os moradores d'esta Vila poderem cair os muros de vedação das suas propriedades e as suas casas de moradia

Parecia absurdo—e não é pequeno—obrigar cada individuo a pedir a competente licença, que, passada colectivamente, facilitava a execução das obras

Pois tal pretensão foi indeferida, e até hoje os muros e as casas estão por cair.

Deseja qualquer proprietario construir uma parede para vedar muitas vezes um pequeno bocado de terreno, apenas com alguns metros de frente para a estrada publica; mas sem uma licença que custa alguns mil réis e sem um termo de responsabilidade assignado perante um notario, nada se pode fazer.

Não deveriam as obras publicas facilitar a execução d'estes trabalhos, visto que contribuem para o aformoseamento das estradas?

Bem pode a *Repartição de Turismo*, inteligentemente dirigida pelo sr. Dr. José d'Athayde, desviar as atenções dos estrangeiros endinheirados para o nosso Paiz. Conseguirá chamal-os; mas o que será impossivel, por certo, é que eles possam levar boas impressões de Portugal!

## EXPEDIENTE

**Devendo proceder-se, no fim do corrente mez, á renovação das assignaturas semestraes; solicitamos dos nossos assignantes a extrema fineza de nos enviarem a respectiva importancia, poupando-nos assim ás avultadas despezas da cobrança pelo correio, que hoje ascendem a uma consideravel soma.**

**Confiamos n'esse generoso auxilio dos nossos prezados assignantes; o que antecipadamente agradecemos.**

## ARTE E LITERATURA

## CONFISSÃO TUDO SEM NOVIDADE

DE GUERRA MAIO

— Linda cara é meio dote —  
 Diz o rifão lisonreiro  
 E eu digo: ter linda a alma,  
 Linda é mais, é dote inteiro.

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA

*Dizer-lhe vou pois  
 Que penso de si.  
 Não diga depois,  
 Que assim lhe menti.*

*Não é da figura  
 Que eu lhe vou falar:  
 A Beleza dura  
 No ceu e no mar...*

*Da alma direi...  
 (—Que é coisa mais bela—)  
 Vae ver o que zchei,  
 Encerrado n'ela!*

*Foi um diamante  
 Que eu vi lá metido;  
 E lindo, brilhante,  
 D'amor revestido.*

*A sinceridade  
 E a graça serena,  
 Tomavam metade  
 Da casa pequena.*

*Moravam tambem  
 —Ditosa união—  
 A virtude e o bem,  
 O amor e o perdão.*

*€ o bom diamante  
 Lá resplandecla,  
 Feliz e constante  
 De noite e de dia.*

*Ditosa a pessoa  
 Da sorte fadada,  
 Que d'alma assim boa,  
 Se vir enlaçada.*



Os meus interlocutores são um morgado do Alemtejo, que estava a gosar dos rendimentos em Lisboa e um criado lá da sua herdade de Alter do Chão.

O morgado, que já ha tempo não recebia carta da terra, nem noticias de seus paes, encontrou uma manhã, na praça do Comercio, embasbacado a ver render a guarda do quartel, o seu criado.

— Olá! tu por aqui, Tiburcio?

— Ah! meu patrão!

— Então vens a Lisboa e não me procuras, não vens logo a minha casa?

— Ora essa! então não havia de ir?

— Pois sim, mas não foste!

— Ia lá já...

— Chegaste agora mesmo?

— Não senhor, cheguei ante-hontem, e desde que cheguei estou para ir lá já.

— Então, como está tudo por lá?

— Tudo bem, sem novidade.

— O meu cavallo russo, o Janota?

— Ah! é verdade, esquecia-me dizer-lhe: esse é que não tem lá passado muito bem.

— Sim?! O que tem elle? Está doente?

— Não, senhor.

— Ah! metteste-me um susto? Cavallo que me custou 50 libras!

— Não, senhor, não está doente! Morreu!

— Morreu!

— Sim, senhor, mas o mais vae sem novidade.

— Morreu! mas se elle não estava doente! Morreu de algum desastre?

— Não, senhor, qual desastre!

— Então...?

— Morreu no fogo que houve na cocheira.

— O quê! houve fogo na cocheira?

— Sim, senhor, ardeu toda e a pobre Janota que estava lá dentro, foi-se tambem, coitada.

— Mas como pegou o fogo na cocheira?

— Pegou da casa.

— Da casa?

— Da casa?

— Sim, senhor; por mais que fizemos, não foi possível impedir que o fogo passasse á cocheira. Mas o mais vae sem novidade.

— Mas como foi que pegou o fogo á casa?

— Foi uma tocha que cahiu de um cocheiro.

— Uma tocha?

— Sim, senhor, cahiu uma tocha em cima do pano do caixão e foi tudo pelos ares.

— Do caixão! Mas qual caixão?

— O caixão onde estava o defunto.

— Qual defunto?

— A senhora sua mãe.

— Minha mãe! pois minha mãe morreu?

— Morreu, sim, senhor; mas o mais vae tudo sem novidade.

— Mas de que morreu minha mãe?

— De desgosto, coitadita.

— Desgosto de quê?

— Pela morte de seu pae.

— Então meu pae morreu tambem?

— Não, senhor, não morreu; mas matou-se.

— Matou-se?

— Sim, senhor, enforcou-se; mas o mais vae tudo sem novidade.

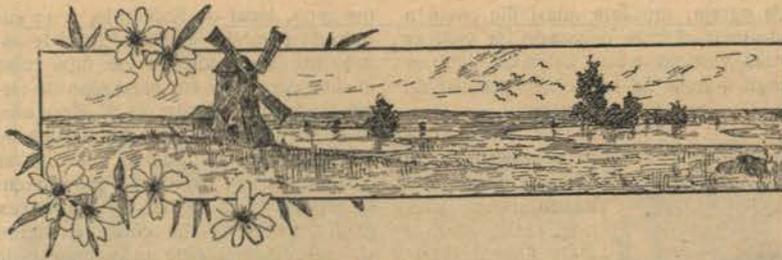
— Meu pae enforcou-se?

— Sim, senhor, fizeram-lhe uma penhora a todas as fazendas e viu que estava arruinado, que ia pedir esmola, foi a uma corda e zás. Mas o mais vae tudo sem novidade, graças a Deus!

## AMOROSA

DE CAMPOAMOR

*Tenho a tua imagem qu'rida  
 Tão ligada a meu desejo.  
 Que se a um espelho me miro  
 Em vez de ver-me te vejo.*



## PAISAGENS PORTUGUESAS

## S. BRAZ D'ALPORTEL

O vapor atracou á ponte do Barreiro, com uma vontade mais de ficar a dormir no meio do rio, do que nos levar até ao comboio especial, que envolvido na penumbra da noite nos aguardava, com a machina ofegante.

Subí-nos. Um guarda veio dizer-me que a minha cama era a n.º 12. Um

Era para mim uma viagem agradável, tanto mais que tinha de S. Braz d'Alportel uma saturada recordação d'um desconhecido, que em Beja almoçando comigo, gastou todos os seus entusiasmos a exaltar a ridente vila algarvia.



FARO—Vista Geral

outro jornalista me fazia companhia na n.º 13.

As carruagens iluminaram-se subitamente a luzes profuzas de electricidade. O comboio era composto de trez carruagens leitos, e a nossa era a do centro. Na da frente tomava logar o ministro do commercio. Na nossa e na da cauda, os convidados.

O comboio era especial e o sr. Pitta, sub-chefe do movimento, veio dizer-nos que ás 10 horas da manhã chegaríamos a Faro. Podíamos pois dormir descançados.

Um servente fez-nos a cama, e quando o comboio rolava na charneca dormíamos regaladamente.

Com uma profusão de qualificativos, o bom do homem entre as colheres de sopa quente perguntou-me:—Já foi a S. Braz de Alportel?

— Não, nunca lá fui.

— Pois vá, e na sua torrente de adjectivos, só parou quando eu, tomado o café, me levantei da mesa, com a promessa formal de ir ao seu S. Braz.

Por isso foi com renovado alvoroço que aceitei o convite do sr. Vascelos Porto para ir assistir á inauguração do seu sanatório.

O meu companheiro não socegava, por mais que eu o chamasse importuno, por mais que eu lhe pedisse. A cada momento acordava, e indo á fresta da cortina descida, perguntava á madrugada longe ainda:— Já estamos no Algarve.

Supliquei-lhe prudencia. O Algarve estava longe, e quando a manhã rompesse estaríamos lá. Que dormisse.

A cada estação que passavamos, ele dava um salto e ia á janela a ver se efectivamente já era dia. Mas qual, nem madrugada, nem Algarve.

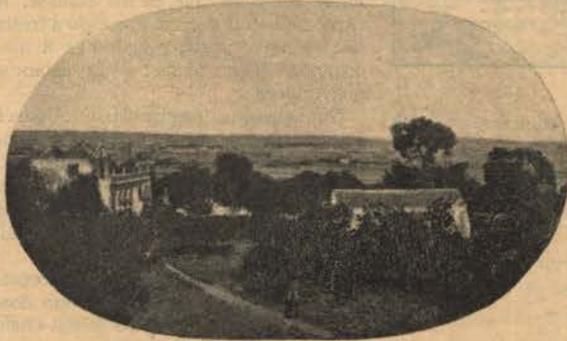
Depois sem mais pregações, adormeceu deixando-me tambem a mim dormir, enquanto num doce sonho cheio de phantasia eu antevia como era delicioso viajar em Portugal em comboios deslizando na calada da noite a 80 kilometros á hora, n'uma socegada carruagem, sob esses tepidos cobertores, e ter á chegada o automovel ideal, que nos leva por campinas flo-

ridas, ao hotel, onde um banho nos espera, e depois um almoço fumegante...

Mas a embaladora phantasia foi cortada pelo meu desasocegado companheiro, que, levantando as cortinas, deixou alagar de luz nova o compartimento, enquanto, com um berro, annunciava o Algarve.

Vinhámos descendo da serra de S. Bartholomeu de Messines, que alastrado no vale quebra a severidade da paisagem com o seu casarío branco de neve.

O meu entusiasta companheiro e colega nas letras Reynaldo Ferreira, começou a cantar hinos ás paisagens, enquanto no corredor do vagão, os



Paisagem Algarvia

outros convidados saboreavam o copioso farnel que a mão providencial do promotor da excursão ali havia levado.

Pela primeira vez, de tantas que tenho ido ao Algarve, experimentei a delícia do progresso, e por momentos esqueci o seu atrazo material, para louvar e para mais engrandecer a preciosa tira da costa sul de Portugal.

Sentado ao canto do vagão eu via deslizar o comboio, galgando kilometros passando pelas estações n'um doce aceno, e certo também que n'esse dia volvida a apetecida jornada a S. Braz, descansaria no *Grande Hotel* de Faro, honra do progresso de toda a provincia.

Em Faro automóveis esperavam para nos conduzir e uma hora depois corriamos pela estrada de S. Braz.

Duas leguas andadas, ao avistarmos Estoy, a paisagem modifica-se, e pouco a pouco entravamos n'um região acidentada, que a estrada ás arremetidas ia vencendo. Para baixo o ribeiro completamente seco, por cima as figueiras redondas, debruçadas sobre o caminho, vestidas de pó da estrada, como uma boa moleira, á porta do moinho.

Pequenos povoados espreitam, entre as alfarrobeiras, tristes como a viuvez, taciturnos como a orfandade. E aqui a natureza, para dar mais realce ás amendoeiras, e os casaes mais brancos que a neve, deixou no Algarve esse scenario de tristeza, d'uma dominante severidade.

D'uma curva dominando um outeiro descortina-se salpicando de branco entre a vinha e a horta as primeiras casas de S. Braz de Alportel, a torre

da igreja, modesta quasi lhe custa a assomar d'entre o casario da vila, as ruas varridas e bem calçadas dão-nos logo a nota de asseio tão peculiar no Algarve.

Das janelas rasteiras assomavam rostos lindos de uma beleza moura, para nos ver passar, e mais além no terreiro, grupos varios discutem e afastam-se com solicitude e decencia para nos deixar passar.

Houve uma nota que nos comunicou uma impressão agradável de gente

bem educada. O nosso automovel parou para um dos companheiros fazer uma pequena visita; durante essa curta espera, um grupo de curiosos aproximou-se de nós, e no momento de partirmos abriu alas, e todos á a tiraram os seus chapéus envolvendo-



FARO - Avenida do Caes

nos assim n'uma atenciosa homenagem.

Mas o fim da nossa visita era Al-

margens, local do Sanatorio, é ao subirmos para lá, n'uma curva de estudo no alto, pudemos ver uma coisa inedita para nós em paisagens de terras pequenas. A vila de S. Braz afogada em vinhas, e estas salpicadas de amendoeiras, e figueiras, levanta-se toda de branco, parecendo que alguem se ergueu entre as hervas altas d'um prado, variegado de côres, enquanto um sol caindo a pino fazia ondear de luz toda a paisagem.

De todas as côres se compunha aquela preciosa tela.

O amarelo da videira, contrasta com o negro das uvas já maduras; o verde gaio da amendoeira destaca-se da figueira cinzenta de ramos e verde de folhas, a terra vermelha que nos cabeços, rubra se refletia ao sol pulvilhando de sangue aquela doce harmonia.

Almargens é uma pequena aldeia, onde as casas, dessiminadas entre o verde da paisagem, nos fazem parecer um doce bando de pombas comendo trigo n'uma eira, com uma placidez solícita.

Inaugurado o sanatorio, voltámos em direcção a Estoy, onde havia feira e nos tinham garantido, haver ali as mais

lindas mulheres do Algarve. Se assim é, é porque estavam recolhidas, pois em toda a feira não vimos um só typo de beleza de tantos que o Algarve possui. Em compensação visitamos a casa do sr. Visconde de Estoy, um museu de maravilhas de arte, mas arrumadas pelas impias mãos d'uma salaia.



LAGOS - Vista da esplendida bahia



S. BRAZ DE ALPORTEL — Sanatorio Carlos Porto

A vista que do terraço do palacio se disfructa, e que vae até ao mar, é alguma coisa de interessante e de belo, pois o panorama que se alastra a nossos pés, é uma vasta planície de amendoeirás e figueiras em alinhamentos

sem fim e que são algumas leguas, só acabando no mar, onde o sol, n'essa tarde, morria com a doçura d'um bem-aventurado.

GUERRA MAIO.

## CASAS DE PORTUGAL

### NO BRAZIL

EM um telegrama do Rio de Janeiro- noticiaram, ha pouco, os jornaes, que a Camara do Comercio e Industria fez expedir a todos os membros da Colonia Portugueza, residentes n'aquella cidade, uma circular expondo o largo plano — que é intenção sua levar a efeito — para a fundação da «Casa de Portugal» que deverá ser instalada n'aquella capital e em S. Paulo, por ocasião de se comemorar o centenario da independencia do Brazil, o qual passará em Setembro de 1922.

Segundo informa, tambem, o mesmo telegrama, a «Casa de Portugal» constituir-se-ha n'uma grande exposição permanente de productos portuguezes, tanto agricolas como industriaes; sendo a sua organização, bem como a parte administrativa subordinada á referida Camara de Comercio.

E' esta uma medida de largo alcance para a expansão do nosso Paiz, cujos resultados é desnecessario encarecer; e se bem que Portugal seja bastante conhecido em toda a grande nação irmã-gemea, que é o vastissimo emporio do Brazil, nunca é de mais renovar os modelos da nossa iniciativa e mostrar as novas idéas e as modernas concepções do espirito sempre evolutivo do portuguez.

Pena é que só agora se tenha pensado na realização d'essa idéa, que,

todavia, só se efectivará em Setembro de 1922, isto é—d'aqui a quatro anos. Como, porem, diz o dictado popular que «mais vale tarde do que nunca», esperamos que a nova casa de Portugal no Brazil venha a prestar-nos grandes e preciosos beneficios.

A data escolhida para a inauguração d'essa exposição permanente dos productos portuguezes, não pode ser mais propicia aos bons augurios que rodeiam tão bela idéa; e por certo, a colonia dos nossos irmãos na grande republica do sul da America aproveitará esse duplo ensejo para mais uma vez, n'uma symbolica manifestação, expandir os seus sentimentos de amor patrio e de reconhecida lealdade para com o sempre amado torrão natal, congratulando-se simultaneamente, por espirito de carinhosa dedicação, com a festividade que então se celebrará.

A este respeito, permitimo-nos a liberdade de transcrever um trecho do interessante artigo que, firmado pelo brilhante escriptor portuguez Carlos Malheiro Dias, foi publicado n'um dos ultimos numeros do importante jornal «O Paiz» do Rio de Janeiro:

«Tão no coração de quantos constituem a grande familia portugueza no Brazil está o proposito de uma participação imponentemente significativa nas festas do centenario, que já diversos alvitres tem sido apresen-

tados n'esse sentido, como o da dádiva de um grandioso monumento comemorativo, no genero da Liberdade, de Nova York, salientando-se ainda a iniciativa da Camara Portugueza do Comercio e Industria do Pará, para a publicação de uma edição monumental de uma «Historia da obra dos portuguezes no Brazil», que outra coisa não seria, afinal de contas, do que a primeira historia da colonisação, desde a descoberta, escripta por um historiador ou um grupo de historiadores portuguezes e com que se emendaria o erro inexplicavel e injustificavel de não existir até hoje, na literatura portugueza, a ampla narraiva do maior empreendimento da nossa raça, a versão portugueza, enfim, da descoberta e da colonisação do Brazil.»

A «Casa de Portugal» principalmente no Rio de Janeiro, vem preencher uma lacuna, ou seja o traço de verdadeira união cuja falta de ha muito se faz sentir entre a numerosissima colonia portugueza na vasta capital brasileira. Porem, para uma completa e benefica obra de conjunção portugueza do Brazil, a sua instalação devia ser como que o complemento d'um vastissimo monumento onde se achassem reunidas as chancelarias da embaixada e do consulado, a Camara do Comercio, a agencia Financial e ainda, as sédes sociaes das muitas e diferentes associações que a nossa colonia mantem disseminadas pela formosa cidade que domina o rio que lhe dá nome.

Esse original monumento que se intitularia o Palacio de Portugal, representaria verdadeiramente o solar portuguez, constituindo o centro de convergencia e de irradiação de toda a vida da população portugueza que, assim, n'uma adoravel e invejavel harmonia, seria a base de todo o progresso sob o mesmo ideal patriotico, e o castelo inacessivel a todo o instincto de desagregação.

Não nos parece irviavel a realização de tão bela aspiração, o que, aliás, é confirmado no seguinte periodo do mesmo artigo de Malheiro Dias:

«A idéa de edificar no rio o palacio da colonia a Casa de Portugal, como já o baptisou o sr. Alberto d'Oliveira, inspirando-se na tradição historica da Casa da India — está em vias de tornar-se, actualmente uma aspiração colectiva. Nenhum estimulo deveria negar-se a este projecto, cuja autoria é um pouco de todos nós, pois que interpreta uma aspiração unanime de comunidade portugueza. O momento é de uma oportunidade excepcional para lançar mãos á obra, de maneira a poder inaugurar-se com uma dupla exposição de arte moderna e retrospectiva e de industrias portuguezas o solar monumental da colonia por ocasião das festas do centenario da independencia. Não só concorreria assim a colonia com um magestoso edificio para o aformoseamento da já esplendida capital do Brazil (que vae ataviar-se de novas galas para receber n'essa data jubilosa as embaixadas especiaes das nações da America e da Europa, como demonstraria, aos olhos de nacionaes e estrangeiros, com a edificação d'esse lar sym-

bólico e a data escolhida para a sua inauguração, os elos familiares que prendem ao Brasil os corações portugueses »

A realização d'essa idéa só é motivo para nos regosirmos; e oxalá

ela se efective, o que cremos provável, dadas as qualidades de energia, de dedicação e de amor patrio que tão bem se condumam com o sentir dos portugueses no Brazil.



## CARTA DE FRANÇA

Paris, Novembro de 1918

O momento é de situações impressionantes, tanto nas phantasias, como na realidade. Tudo, agora, constitue uma surpresa.

Tudo serve de motivo a discussões; e em tudo e por tudo pulsa agora o coração francez, febricitantemente agitado pela embriaguez da victoria que, de resto, sempre esperou.

Terminou a guerra com gloria para a França, prodigio que foi dos seus mais inmeritos soldados.

Agora, o complemento d'essa bemdita obra é com os politicos e os diplomatas que, patriotas como esses soldados que arrancaram a honra da França das unhas aduncas dos negregados boches, não deixarão de merecer, por certo, a gratidão da patria mais uma vez reconhecida aos seus amados filhos pela sua completa libertação, pela sua integral independencia e pela sua consciente autoridade nos destinos da velha Europa, de que ella é a mãe espirital.

A obra das armas terminou. Começou agora a das palavras, reduzidas a letras por penas manuseadas pelo instincto do coração e pelos dictames da intelligencia. E ao serviço d'esta, estão cerebros onde a comprehensão da delicada missão que lhes incumbem é bem nitida.

Por isso, se o povo rancez, ainda nas horas mais indecisas das grandes batalhas, contava com o esforço dignamente patriota dos seus irmãos d'armas, que uma esperança animava com o ardor da mais acrisolada fé, n'esta occasião não vacilla ante as excelsas qualidades d'aquelles a quem n'este tragico momento da historia mundial estão confiados os destinos imanes da força victoriosa da França.

No campo da batalha, Foch foi o vencedor maximo. No *tapis-vert* onde se vae estabelecer a grande luta de egoismos e de compensações os marechais da França na arma especial da diplomacia terão, por certo—para guia da sua acção—a energia, a audacia, a tactica e a coragem que caracterisou esse outro marechal, que para todo o sempre verá o seu nome—Foch—esculpido a letras d'ouro nas paginas impereciveis da Historia do seu Paiz!

Não devemos, porém, esquecer o complemento d'essa outra luta. É um complemento menos brilhante que o outro, em que os preambulos dos grandes problemas são traçados no intervalo d'uns goles de *champagne*, emquanto pelo ambiente repercutem os ecos dos ultimos *irrahs!*

## Melhoramentos no Porto

ACHA-SE já concluido o alargamento da rua do Bom Jardim, na parte da rua de Santo Antonio para a rua Sá de Bandeira, uma das principaes arterias da cidade invicta.

Quasi todos os edificios de que se compõe o novo arruamento estão concluidos, destacando-se entre eles, pelo seu bom gosto, o do *Hotel Peninsular*, cuja fachada lhe dá um aspecto imponente.

## APÓS A GUERRA

PORTUGAL E O SEU FUTURO

ONosso prezado colega «Flor do Tamega», de Amarante, transcreveu, no lugar principal do seu numero referido a 8 do corrente, o artigo do nosso Secretario que, sob o titulo que nos serve de epigraphe, inserimos no anterior numero d'esta Revista.

Ao interessante jornal amarantino agradecemos a distincção.

## MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, as Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas teiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA, Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea, Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU DOS COCHES, Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

J. C.